

Anno VI

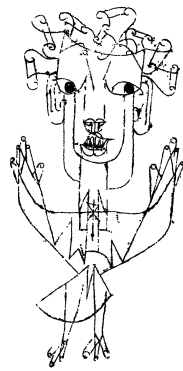
n. 9

2015

ISSN 2179-5487

R E V I S T A A N G E L U S N O V U S 9





“Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu.”

Walter Benjamin, *Sobre o conceito de história*

Conselho editorial

André Sekkel Cerqueira (Mestrando em História Social, FFLCH-USP); Breno Ferraz Leal Ferreira (Doutorando em História Social, FFLCH-USP); Bruna Oliveira Santiago (Mestranda em História Social, FFLCH-USP); Dirceu Franco Ferreira (Doutorando em História Econômica, FFLCH-USP); Fabrício Leal de Souza (Doutorando em História Social, FFLCH-USP); Gustavo Velloso (Mestrando em História Social, FFLCH-USP); José Pacheco dos Santos Júnior (Doutorando em História Econômica, FFLCH-USP); Julia Gumieri (Mestranda em História Social, FFLCH-USP); Luciano Thomé (Doutorando em História Social, FFLCH-USP); Marina Maria de Lira Rocha (Doutoranda em História Social, FFLCH-USP); Pâmela de Almeida Resende (Doutoranda em História Social, FFLCH-USP).

Conselho científico

Adriana Zierer (UEMA); Adriano Correia Silva (UFG); André de Melo Araújo (UnB); Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron (USP); Carlos Almeida Bacellar (USP); Carlos Augusto Ribeiro Machado (University of St. Andrews); Claudia Wasserman (UFRGS); Francisco Pereira Costa (UFAC); James Green (Brown University); Jean Rodrigues Sales (UFRRJ); João Paulo Garrido Pimenta (USP); John D. French (Duke University); José Luís Cardoso (Universidade de Lisboa); Laura de Mello e Souza (USP e Université Paris-Sorbonne); Luiz Otávio de Magalhães (UESB); Maria de Fátima Costa (UFMT); Pedro Meira Monteiro (Princeton University); Rafael Chambouleyron (UFPA); René Ernaini Gertz (PUC-RS e UFRGS); Robério Santos Souza (UNEB); Samantha Viz Quadrat (UFF); Sebastião Vargas (UFRN); Susana Sosenski (Universidad Nacional Autónoma de México); Thiago Lima Nicodemo (UERJ).

Pareceristas que colaboraram com esta edição

Adir da Luz Almeida (UERJ); Adma Fadul Muhana (USP); Adriana Schryver Kurtz (ESPM-Sul); Alexandre Guilherme da Cruz Alves Júnior (UNIFAP); Antônia Terra de Calazans Fernandes (USP); Cândido Moreira Rodrigues (UFMT); Carlos Alberto Póvoa (UFTM); Carlos Eduardo Bartel (IFC); Daniel Alves Boeira (UDESC); Déborah Rosária Barbosa (UFMG); Diogo da Silva Roiz (UEMS); Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho (Pós-dr. UFSC); Fernanda do Nascimento Thomaz (UFJF); Ione Celeste Jesus de Sousa (UEFS); Ivete Batista da Silva Almeida (UNIMONTES); Jorge da Silva Rangel (UERJ); Leandro Antonio de Almeida (UFRB); Luis Fernando Hering Coelho (UFPEL); Luiz Antônio Dias (PUC-SP); Marcelo Timotheo da Costa (UNIVERSO); Márcia Ramos de Oliveira (UDESC); Marcos Veiga (Dr. pela USP); Maria do Socorro Fernandes de Carvalho (UNIFESP); Maria Helena Capelato (USP); Maria Letícia Barros Pedroso Nascimento (USP); Marie Claire Sekkel (USP); Nathaly Silva Xavier Schütz (UniPampa); Peter Robert Demant (USP); Renato Cancian (Uninove); Ricardo Figueiredo Pirola (UNICAMP); Rodrigo Coppe Caldeira (PUC-MG); Rodrigo Farias de Sousa (Dr. pela UFF); Roger Domenech Colacios (Pós-dr. pela UNESP); Sônia de Oliveira Camara Rangel (UERJ); Walter Mariano de Faria Silva Neto (UFTM); Wanderson da Silva Chaves (Dr. pela USP); Wilton Carlos Lima da Silva (UNESP); Wolfgang Adolf Karl Döpcke (UnB).

REVISTA ANGELUS NOVUS

PUBLICAÇÃO DOS PÓS-GRADUANDOS EM
HISTÓRIA ECONÔMICA E HISTÓRIA SOCIAL
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

R a c i s m o e a n t i r r a c i s m o
Ano VI – Número 9 – 2015 – ISSN 2179-5487

REVISTA ANGELUS NOVUS

Disponível eletronicamente em: revistas.usp.br/ran

Ficha catalográfica

Revista Angelus Novus / Publicação dos Pós-graduandos em História Econômica e História Social da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP – Ano VI, n. 9, 2015.

ISSN 2179-5487

1. História
 2. Historiografia
 3. Ciências Sociais
-

Indexada na base de dados em

Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal – LATINDEX

Imagem da capa

Detalhe de retrato de Joseph Ki-Zerbo. ©Fondation Joseph Zi-Zerbo

Imagem da folha de rosto

Detalhe de *Angelus Novus*, de Paul Klee, 1920. ©Museu de Israel (CC BY-SA 3.0)

Editor-chefe Dirceu Franco Ferreira

Secretário Breno Ferraz Leal Ferreira

Divulgadores José Pacheco dos Santos Júnior e Pâmela de Almeida Resende

Editor de arte Luciano Thomé

Endereço

Av. Professor Lineu Prestes, 338
Cidade Universitária
São Paulo – SP – CEP 05508-900
Caixa Postal 8105

Endereço eletrônico

angelusnovus@usp.br

O conteúdo dessa revista é licenciado em Creative Commons (CC BY 3.0)

SUMÁRIO

EDITORIAL	7
DOSSIÊ	
: Racismo e antirracismo	
APRESENTAÇÃO	
: a questão racial em perspectiva internacional Gustavo Mesquita	II
ARTIGOS	
O antirracismo dos intelectuais : o caso de Pierre-André Taguieff Manuel Diatkine	17
Ulisses Retornado : Joseph Ki-Zerbo e a África da perspectiva africana Felipe Paiva	41
Cidadãos, quem? : os israelenses e e sua relação com os “outros” Luciana Garcia de Oliveira	63
Identidade e cultura em Porto Alegre no Pós-abolição : a criação da Banda Municipal de Porto Alegre (1925) Felipe Rodrigues Bohrer	81
ARTIGOS LIVRES	
Em busca das colônias perdidas : a visualidade das propagandas da Reichskolonialbund entre 1936 e 1943 Naiara Krachenski	109
As agendas culturais da Guerra Fria e o “Programa Ideológico” : a CIA e a Fundação Ford na atração às elites intelectuais Wanderson Chaves	123
Trama dogmática : as Instruções de Joseph Ratzinger sobre liberdade na Congregação para a Doutrina da Fé (1984-1986) Alexandre Queiroz	153
RESENHA	
A história dos furacões e a construção espacial do Grande Caribe Fernando Victor Aguiar Ribeiro	183

REFLEXÕES sobre o DEPARTAMENTO de HISTÓRIA da USP

Homenagem a Nicolau Sevcenko

189

EDITORIAL

Algumas das tarefas mais nobres da História, enquanto ciência humana, é questionar a realidade, encetar críticas, problematizar. Conscientes da responsabilidade de que se reveste a epistemologia da pesquisa histórica para com a realidade social e com a divulgação científica, apresentamos o número 9 da Revista Angelus Novus que traz o dossiê *Racismo e Antirracismo*: composto pela apresentação de Gustavo Mesquita, organizador do dossiê, ex-editor da RAN e doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo, e por quatro artigos que discutem a amplitude, tanto prática quanto teórica, do tema abordado pelo dossiê.

Na seção de artigos livres, Naiara Krachenski, mestranda em História pela Universidade Federal do Paraná, explora a linguagem visual no movimento neocolonial alemão no artigo *Em busca das colônias perdidas: a visualidade das propagandas da Reichskolonialbund entre 1936 e 1943*. Na sequência, Wanderson Chaves, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, analisa *As agendas culturais da Guerra Fria e o 'Programa Ideológico': a CIA e a Fundação Ford na atração às elites intelectuais*, buscando compreender a articulação das propostas estadunidenses de atração às elites intelectuais no período da Guerra Fria. Alexandre Queiroz, mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo, por sua vez, em *Trama Dogmática - As Instruções de Joseph Ratzinger na Congregação para a Doutrina da Fé (1984-1986)*, discorre sobre a produção intelectual do teólogo alemão Joseph Ratzinger quando este foi prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.

Nesta edição, a RAN conta, também, com a resenha intitulada *A história dos furacões e a construção espacial do Grande Caribe*, escrita por Fernando Ribeiro, doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo, sobre o recente livro de Stuart B. Schwartz: *Sea of Storms: A History of Hurricanes in the Greater Caribbean from Columbus to Katrina* (Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2015).

Por fim, temos a honra de publicar as homenagens prestadas *in memoriam*, em evento promovido pelo Departamento de História da FFLCH/USP, em 13 de agosto de 2015, ao historiador e professor Nicolau Sevcenko, falecido em 2014. Aproveitamos, aqui, para

REVISTA ANGELUS NOVUS

agradecer a todos professores, amigos e familiares que gentilmente autorizaram a publicação de suas falas.

Boa leitura!

Os Editores

André Sekkel de Cerqueira

Breno Ferraz Leal Ferreira

Bruna Oliveira Santiago

Dirceu Franco Ferreira

Fabício Leal de Souza

Gustavo Velloso

José Pacheco dos Santos Júnior

Luciano Thomé

Marina Maria de Lira Rocha

Pâmela de Almeida Resende



Imagem da capa O historiador Joseph Ki-Zerbo enquanto professor na França. Registro anônimo e sem data. Disponível em: «http://www.fondationki-zerbo.org/galerie/albums/userpics/10001/photo_ensemble.jpg». Acesso em: 23 de agosto de 2016.

REVISTA ANGELUS NOVUS

APRESENTAÇÃO

A questão racial em perspectiva internacional

O presente dossiê, que agora publica quatro artigos de pós-graduandos brasileiros e estrangeiros, pretende apresentar ao leitor da *Revista Angelus Novus* um quadro geral sobre determinadas questões suscitadas pelo conceito de raça no século XX. Este quadro é composto pela perspectiva internacional comum a todos os artigos. Aqui o leitor encontrará discussões sobre a região sul do Brasil, todo o continente africano, a França e, por último, Israel. Apesar de estarem focados na experiência do século 20, os artigos operam com abordagens metodológicas e recortes cronológicos distintos, cobrindo desde a música erudita no pós-abolição brasileiro, a análise do conceito de África do burquinense Joseph Ki-Zerbo, passando pela análise dos escritos contemporâneos de Pierre-André Taguieff, até a discussão sobre a situação da questão palestina na história contemporânea.

A diversidade temática do dossiê traz um rico panorama no que diz respeito ao estado em que se encontram as pesquisas históricas desenvolvidas no Brasil sobre a questão racial. Felizmente, as pesquisas conseguiram explorar o aspecto internacional do problema que aflige negros no Brasil ou alhures, judeus, palestinos e outras categorias étnicas mundo afora. Se o século 20 foi aqui enfatizado, isto se deve ao fato de o racismo ter-se mostrado ainda mais complexo na história contemporânea que em outros tempos. Ainda embutida de problemas fortes nos séculos passados, a discriminação racial gerou novos mecanismos de resistência à sua superação quando, no século 20, uma sucessão de acontecimentos mundiais reforçou os discursos e práticas racistas, a despeito de toda a ação dos organismos internacionais no sentido contrário. Este dossiê vem a público para alertar-nos que há conexões sistêmicas, de escala internacional, entre os racismos praticados nos países tanto do Ocidente como do Oriente. Neste sentido, compreender as dinâmicas do preconceito racial nos países latino-americanos contribui para a investigação das relações raciais na África e Ásia, e vice-versa. A perspectiva internacional do dossiê assume esta leitura do problema.

A questão da identidade não pode ser afastada das discussões, dada sua relação causal com a questão racial. Tomando o dossiê como um todo, o leitor logo verá que a identidade foi

um recurso, uma categoria de análise mobilizada em todos os artigos. Assim, discute-se o que tem significado ser negro ou branco no Brasil ou na África, muçulmano ou católico na França, ou ainda judeu ou árabe em Israel. A identidade é tratada pelos autores, de modo geral, como a constituição de sujeitos cujas vidas foram (e estão) marcadas por sua condição de minoria social nos países em que vivem. Dito de outro modo: a identidade dá forma a indivíduos cuja existência tem sido ameaçada por identidades antagônicas, outros indivíduos ou grupos, nativos ou não, que se opõem à presença dos primeiros.

Neste dossiê, a discussão sobre cultura e identidade regionais, especificamente o universo da música erudita no Rio Grande do Sul, coube a Felipe Rodrigues Bohrer, com seu artigo *Identidade e cultura em Porto Alegre no pós-abolição: a criação da Banda Municipal de Porto Alegre (1925)*. O autor acompanha o processo de constituição da música erudita em Porto Alegre a partir da criação da Banda Municipal em 1925. Partindo da crítica à ideia de que o Rio Grande do Sul seria um estado com pequena presença negra, assim como a cultura e identidade locais teriam sido construídas só pelos imigrantes europeus, o autor busca identificar, em primeiro lugar, o papel da música erudita nas transformações em várias dimensões da cidade, além da relação do negro com este estilo. Segundo ele, o processo de consolidação do erudito, que no pós-abolição se afirmou perante o popular e o folclórico, resultou na exclusão dos pobres, principalmente dos afrodescendentes, do exercício profissional da música. Conservatórios, liceus e outras escolas de música, sendo símbolos da modernidade, não poderiam ser lugares para negros ou pobres, apenas para brancos em busca de profissionalização no mercado da música erudita. Entretanto, em relação ao repertório para concerto, já havia experiência anterior na cidade: uma banda, composta por afrodescendentes, costumava tocar nos locais públicos. A Banda Municipal de Porto Alegre – depois reformulada para Escola Hilário Ribeiro – não foi inspirada na experiência dos músicos negros, pois a Prefeitura quis atribuir à música clássica maior importância, entendendo assim que as experiências pregressas não teriam com o que contribuir.

O autor ainda propõe a tese de que a cultura gaúcha não foi constituída só com as contribuições dos imigrantes europeus. Os afrodescendentes teriam participado ativamente do processo desde o princípio da história gaúcha, contribuindo com suas expressões culturais. Pelo fato de considerar que muitas pesquisas ainda se referem a Era Vargas como o período em que a música popular, como o próprio samba, finalmente teria sido reconhecida pelo Estado de forma positiva, o autor expande a análise do racismo na sociedade local e procura mostrar que o Rio Grande do Sul há muito tempo tem sido uma sociedade racializada, isto é, dividida em hierarquias raciais e de status.

Com o artigo de Felipe Paiva, temos em mãos uma análise qualitativa sobre as leituras possíveis de África. Em *Ulisses retornado: Joseph Ki-Zerbo e a África da perspectiva*

africana, o autor analisa os escritos teóricos de Joseph Ki-Zerbo reunidos no primeiro volume da coleção *História Geral da África – Metodologia e Pré-História da África*, financiada pela UNESCO. Ki-Zerbo foi um importante intelectual de Burkina Faso e teve inserção acadêmica também na Europa, sobretudo na França, ao longo das décadas de 1950, 1960 e 1970. De sua produção teórica Felipe Paiva recupera, entre outros elementos, as críticas ao conceito de história vigente no século 19, que lançava um olhar colonialista sobre a África, excluindo sua história do horizonte dos historiadores e demais intelectuais ocidentais. Tratar-se-ia, aos olhos dos novecentistas, da terra nullius.

O alvo dos ataques de Ki-Zerbo é justamente a ideia do africano como homem selvagem, incapaz de forjar o progresso e realizar mudanças estruturais. Toda historiografia que partir desta premissa será, a seu ver, falha, pois à África caberia outra perspectiva: a que valoriza a pátria como possibilidade de construção histórica, por meio do embate com o passado. A perspectiva africana resulta numa espécie de sensibilidade pan-africana. Mais que generalizações a respeito de seu território ou cultura, esta perspectiva permite investigarmos a história do continente em sua pluralidade cultural, social, econômica, etc. Documentos escritos ou formais não constituem a fonte privilegiada de pesquisa segundo esta perspectiva. Haveriam outros suportes para a transmissão das lembranças a respeito de determinado tempo histórico, mais adequados para o estudo da história e pré-história africana, como a narrativa oral e a mitologia. Daí em diante, Felipe Paiva debruça-se sobre as ferramentas teóricas desenvolvidas por Ki-Zerbo para a constituição da chamada perspectiva africana, ou a África vista do seu interior, como resume o autor.

A reflexão teórica sobre o antirracismo moderno foi feita por Manuel Diatkine em *O antirracismo dos intelectuais: o caso de Pierre-André Taguieff*. O autor investiga o chamado caso Pierre-André Taguieff, intelectual francês que se dedicou a pensar uma nova perspectiva teórica para o antirracismo, especialmente depois do boom da identidade como centro da ação política, na década de 1970. Pierre-André Taguieff foi considerado intelectual de direita por ter se vinculado ao *Groupement de Recherches et d'Études pour la Civilisation Européenne* [Grupo de Pesquisas e Estudos sobre a Civilização Europeia] (GRECE), rede intelectual que apoiaria a criação do Front National, um partido político cujo programa apoiava o nacionalismo francês e a ideia de comunidade europeia. Sua teoria parte do princípio de que um novo racismo estava surgindo por meio do próprio antirracismo. No mundo contemporâneo, os movimentos antirracistas ainda preservariam certo racismo em sua linguagem conceitual, centrada no conceito nacionalista de cultura. Para Taguieff, há dois tipos básicos de racismo: o universalista e o diferencialista; da mesma forma, estas categorias seriam válidas para o antirracismo. A principal característica do racismo universalista é o seu vínculo com a modernidade, sendo produto dela, ou seja, afirma que as raças e civilizações

possuem capacidades diferentes de desenvolvimento. O antirracismo universalista, em contraste, estava fundado na crença de que as raças e civilizações contribuiriam da mesma forma para a humanidade. Já o racismo diferencialista é uma reação à modernidade e afirma que não há leis universais ou medidas de comparação em termos de raça, e sim raças diferentes em termos biológicos. Antagônico a esta visão, o antirracismo diferencialista apregoa o direito humano à diferença em termos biológicos e culturais.

O autor desenvolve em seu texto uma tipologia do racismo e do antirracismo que, apesar de não estar absolutamente clara, pode ajudar o leitor a compreender as características de ambas as ideologias. Entre antigas e modernas ideologias racistas, o intelectual francês teria identificado na década de 1980 a emergência do que chamou de nova judeofobia, o ódio revitalizado aos judeus e ao Estado de Israel. Do Ocidente ao Oriente, sem fronteiras geográficas rigidamente definidas, a judeofobia estaria se expandindo de forma rápida, e contaria com certo pacto com as esquerdas francesas para a ação antissionista radical. O racismo não seria o mesmo depois da judeofobia – este era o entendimento de Taguieff –, e na transição do século 20 para o 21 os discursos de ódio sofreriam transformações e apresentariam novas características. A partir disto, o intelectual se ocupou da revisão crítica e sistemática dos movimentos antirracistas na Europa. Sofrera críticas por causa desta perspectiva, chegando a ser acusado de racista (“islamofóbico”), e fora afastado de determinados círculos intelectuais.

Em *Cidadãos, quem? Os israelenses e a sua relação com os “outros”*, Luciana Garcia de Oliveira analisa a questão palestina no pós-guerra à luz das ideias presentes na *Dialética do esclarecimento*, obra de Adorno & Horkheimer escrita só dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, e reeditada também dois anos depois da Guerra dos Seis Dias entre Israel e alguns países árabes, em 1969. Para os intelectuais alemães, o nazismo nunca fora derrotado definitivamente; suspenso, mas não derrotado, o regime totalitário ainda apresentaria sobrevivências nas décadas posteriores, influenciando em algumas ações políticas decorrentes do processo de criação de Israel. De modo geral, após as divisões do território palestino, o grupo árabe que permaneceu em Israel estaria vivendo, segundo a autora, sob um regime discriminatório no qual a cidadania foi reduzida a direitos mínimos. Desde então os árabes não puderam expressar sua identidade cultural ou participar das mesmas instituições que os judeus. Há vários argumentos no texto que realçam esta linha de pensamento sobre os conflitos envolvendo judeus e palestinos. A autora, neste sentido, buscou escancarar o que chama de racismo judaico.

Com os recentes ataques do grupo jihadista Estado Islâmico em Paris, na noite de 13 de novembro de 2015, as discussões que se seguem assumiram tamanha importância que a leitura dos artigos se torna um imperativo não só para especialistas, como para o público interessado no tema. Como disse, os eventos na história contemporânea acrescentaram ao

A P R E S E N T A Ç Ã O

racismo certa complexidade inédita. E hoje, mais do que nunca, ele está ligado ao jogo internacional. As críticas às teses sobre o racismo presas às estruturas dos séculos passados podem lançar luz sobre os acontecimentos e processos do século atual. Portanto, o público brasileiro encontrará aqui um bom material para pesquisa e reflexão.

Gustavo Mesquita¹

Doutorando em História Social na Universidade de São Paulo

¹ Contato: gustavormesquita@gmail.com

